

Ensaio sobre o samba

Juvino Alves dos Santos Filho¹

Resumo

Este ensaio mostra aspectos do Samba como: sua história, os tipos de Samba e em que circunstâncias foram se desenvolvendo até o gênero tornar-se uma das mais significativas manifestações sócio-artístico-culturais do Brasil. O tema em pauta é vasto e controvertido na elucidação de seus elementos constitutivos. Muitos estudos já foram realizados por grandes pesquisadores da música brasileira, como Mário de Andrade, Câmara Cascudo, José Ramos Tinhorão, porém, ao se falar de Samba, certos aspectos ainda não se tornam claros, como o seu surgimento, o uso do termo e sua evolução como fenômeno da cultura musical brasileira.

Palavras-Chave: Samba - História - Música Brasileira

Abstract

This essay shows aspects of Samba such as: its history, the kinds of Samba and in which circumstances they developed until the genre became one of the most meaningful social, artistic and cultural manifestations of Brazil. The theme in question is vast and controversial in the understanding of its constitutive elements. Many prominent scholars of Brazilian music such as Mário de Andrade, Câmara Cascudo, José Ramos Tinhorão have already contributed significantly to the theme, however there are certain aspects of Samba, such as its appearance, the use of the term and its evolution as a phenomenon of Brazilian musical culture, that still need to become clearer.

Key words: Samba - History - Brazilian music

1. Os primórdios do samba

O termo Samba provém de muitas origens e uma delas advém da palavra *semba*, conforme SARMENTO citado por CASCUDO (1962, p. 675). Consiste num círculo formado pelos dançadores, indo para o meio um preto ou uma preta, que, depois de executar vários passos, vai dar uma umbigada (a que chamam de *semba*) na pessoa que escolhe entre as da roda, a qual vai para o meio do círculo substituí-lo.

Também encontrada em sentido generalizado, a palavra Samba diferenciava as sessões de *candomblé* das de *Samba*, ou seja, faziam-se as danças fetichistas, chamadas *candomblé*, e as profanas, chamadas *Samba*. O termo Samba pode ter sido formado também por duas palavras africanas: SAM, que quer dizer PAGUE e BA, que quer dizer RECEBA.

Em alguns países como Peru, Argentina, Chile, dentre outros da América Latina, é utilizado o vocábulo *zamba* para designar coreografia e música; apesar da semelhança vocabular com o Samba, elas, segundo os tratadistas, não têm entre si nenhuma relação coreográfica ou musical.

Segundo LEMOS citado por ANDRADE (1989, p. 454), o termo é de origem nordestina, do “terreiro dos feiticeiros e rezadores”. (...) Samba é um verbo conguês, significando queixar-se, rezar. É igualmente uma dança religiosa, em louvor da divindade, uma cerimônia do culto.

A palavra conheceu verdadeiro período de ostracismo, no início deste século, uns vinte anos depois que abolida a escravatura, vinda a República, novos progressos e liberdades maiores, igualações do preto ao branco, fizeram os Sambas legítimos rarearem no Brasil. Ainda mais, adotados pelos brancos rurais, como forma coreográfica, como elementos rítmicos e melódicos, como forma musical, à medida que se deformava pouco ou muito nas mãos destes, também originava um desperdício das variantes, que desde muito tinham seus nomes como é o caso do Coco. Por tudo isso o “Samba” como palavra e coisa rareou muito. Era expressão literária caracterizando um passado e o objeto apenas duma ou doutra composição impressa, mais ou menos erudita. Até que os maxixeiros e compositores de maxixe principiam empregando a palavra de novo, não para designar a coreografia antiga afro-brasileira, mas um caráter regional de maxixe: “Maxixe” se dizendo das peças de sensibilidade e movimento

¹ Doutor em Música pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista de Pós-Doutorado 1 da FAPESB, pesquisa sobre Bandas, Filarmônicas e Mestres de Banda da Bahia, Choro, interpretação musical e formas alternativas de educação musical, no campo dos estudos sobre Cultura Musical Brasileira.

◆ Ensaios

especificamente cariocas e “Samba” ao maxixe de origem jeito rural, com especialidade nordestina. (ANDRADE, 1989, p. 454).

De acordo com Câmara Cascudo, com a designação de Samba, não é conhecida nenhuma dança africana e nenhum registro de viajante durante o século XIX. Danças com umbigada vieram para a América Latina com outros nomes como: lundu, lariate, calenda, batuque (o batuque comum, o paulista, o goiano, o cateretê). Cascudo afirma ainda que Samba é nome angolês, que teve sua ampliação e vulgarização no Brasil, consagrando-se na segunda metade do século XIX.

2. O Samba e seus variantes

Conforme Cascudo, os cronistas portugueses reuniam, sob o rótulo único de *batuque*², pelo menos três formas de danças nativas de Angola e do Congo. Estas que passaram ao Brasil, com a mesma designação genérica, distinguem-se uma das outras na sua movimentação, como *dança de umbigada*, *dança de pares*, *dança de roda* e *dança em fileiras*, porém esta última só foi levantada em estudos posteriores, não sendo assim referida pelos cronistas portugueses.

Todas elas se combinaram e recombinaaram, tanto entre si quanto com outras danças, de maneira a dar uma grande variedade de espécies herdeiras do *batuque*. Essas danças se distribuíram por todo o Brasil, marcadas por três grandes zonas de incidência, onde evoluíram distintamente da dança rural, diversão de escravos para dança urbana e mesmo social. Uma dessas zonas de incidência é a *zona do côco* que, conforme Cascudo, resultou da combinação do Samba (dança de umbigada) e do baiano (dança de pares), a que a embolada e certas dança sociais, como o lanceiros e o galope, deram, na virada do século, o último retoque. O côco se dança, ou dançava em todo o Nordeste Oriental, mas nessa região também se registraram espécies que caberiam melhor na zona do Samba, como o *bambelô* de Natal. Tipos de *côco*: bambelô (RN), virado (AL), de roda (PE), dança de umbigada; côco (CE-PB), mineiro pau (PE), milindô (CE), dança de pares; de troca de parselhas (Pe), trocado ou troca-parcelha (AL), dança de pares com presença da umbigada; de parselha (AL), dança de pares e dança de roda; de cordão (PE), em fileira (AL), dança em fileiras; de pares (PE), dança de pares com

presença da umbigada; de parselha trocada ou de visita (AL), dança de pares com presença da umbigada; solto (AL), dança de pares com umbigada. Da *zona do Samba* prevalece a dança de umbigada - um dançarino ao centro da roda, passando a vez com uma umbigada. Compreende esta zona do Maranhão (tambor de crioulo), a Bahia (samba de roda), o Estado da Guanabara (partido alto) e São Paulo, onde as formas vigentes são as de dança em fileiras (Samba rural, Samba-lenço, batuque) algumas vezes com a umbigada ou pelo menos a vênica de convite à dança. Talvez esta zona se estenda ao Piauí e Minas Gerais. Tipos de *Samba*: tambor de crioulo (MA), Samba (CE-PB, PE, DF, SP), Samba de roda (BA), partido alto (DF), piauí (CE-PB), dança de umbigada; Samba de roda (SP), dança de roda; Samba rural (SP), dança em fileiras; Samba-lenço (SP), dança em fileiras e dança em pares com presença da umbigada; batuque (SP), dança em fileiras com presença da umbigada; e bate-baú (BA), dança de pares com presença da umbigada. A outra é a *zona do jongo*, essa em duas espécies: o jongo e o caxambú. Nela floresceram o jongo no Estado do Rio, em São Paulo e talvez em Goiás, e o caxambu em Minas Gerais. As fronteiras dessa zona invadem as da zona do Samba em São Paulo. Tipos de *jongo*: jongo (RJ, SP), dança de pares; e caxambu (RJ, MG).

Do *batuque* originaram-se também o *lundu*, em grande voga no Brasil durante todo um século e o *baiano*, que deu origem ao côco e posteriormente ao baião, antes de desaparecer de vez como dança. Algumas peças do *baiano* ficaram tradicionalizadas no bumba-meu-boi.

Outros tipos de Samba:

- Samba a Dois Coros – Samba em que os três ou quatro últimos versos são cantados pelo coro, sendo que um destes versos é repetido pelo contra-coro.
- Samba Batido – denominação regional do Samba. Nome do batuque em Salvador e zona centro leste da Bahia.
- Samba Chulado – variante coreográfica do Samba de roda da Bahia e que segundo Renato Almeida, deu origem ao Samba do partido alto.
- Samba Corrido – aquele em que entra logo na cantiga, sem introdução instrumental.
- Samba da Virada – subtítulo de duas gravações de discos Arte-Fone, referidos por Mário de Andrade, mas não localizados em sua coleção.

² Denominação genérica para o baile africano.

- Samba de Chave - variação coreográfica do Samba na Bahia, referida sem descrição por Renato Almeida.
- Samba de Embolada – Samba cantado de improviso, na forma de embolada.
- Samba de Influência – forma de Samba do morro de feição vigorosa, que servia para os cordões e os ranchos na sua vinda à cidade, por ocasião do carnaval.
- Samba de Morro – dança-canto, termo empregado por Renato Almeida para diferenciar o Samba de salão daqueles das Escolas de Samba.
- Samba de Palma – Samba dançado e cantado ao som de palmas.
- Samba do Matuto – forma dançada e cantada da zona rural do Nordeste, originada do maracatu.
- Samba do Norte – expressão que vem referida em poesia de Catulo da Paixão Cearense.
- Samba do Partido Alto – forma coreográfica-instrumental semelhante à chula raiada.
- Samba Raiado – segundo Mariza Lira, é o Samba originado na Bahia e depois interiorizado em Sergipe onde teria adquirido ritmo característico e pronúncia sertaneja.
- Samba Traçado – denominação regional do Samba em Pernambuco.
- Samba Rumba – variante de Samba, mistura de fórmulas rítmicas, na tentativa de aliar as características do Samba a outra modalidade popular, no caso à rumba.

Como o Samba Rumba, muitas outras formas de Samba foram desenvolvidas, como é o caso do Samba Reggae, Samba Funk, Samba Rock e muitos outros. O pagode é uma outra forma derivada do Samba muito evidente no Brasil.

3. O Samba e sua afirmação como gênero urbano

Na Bahia, em fins do século XIX, provável berço de suas primeiras sessões, a palavra *Samba* já era usada para designar as festas de danças de escravos e ex-escravos. Nesse mesmo período muitos baianos migraram em direção ao Rio de Janeiro, e com esses baianos eram levadas as primeiras manifestações daquele que se tornou uma das maiores referências musicais brasileiras, o Samba, e essas manifestações eram atribuídas à dança e à música que outrora já se encontravam na Bahia. A migração desses baianos pode ser explicada por fatores históricos como o término da Guerra de Canudos que levou, em 1897, um grande número deles incorporados às tropas que combatiam Antônio Conselheiro, porém essa migração pode ser observada muito antes, nos últimos anos da

Monarquia, quando, pela decadência do café, houve a transferência de escravos do Vale do Paraíba para a zona urbana carioca. Entre esses baianos encontravam-se algumas baianas que ficaram conhecidas como *tias* e entre elas estavam a Tia Ciata, famosa doceira e festeira, a Tia Amélia, mãe de Donga, a Tia Prisciliana, mãe de João da Baiana, a Tia Veridiana, mãe de Chico da Baiana e a Tia Mônica, mãe de Pendengo e de Carmem do Xibuca. O Rio de Janeiro, então Distrito Federal, tornou-se a comunidade dessas baianas em bairros vizinhos ao centro, como a Saúde e a Cidade Nova. Segundo PRAZERES citado por CÁURIO (1988), por volta de 1915, a Praça Onze havia se transformado numa verdadeira África em miniatura. Tia Ciata, a mais famosa de todas as Tias, logo instalou-se num sobrado da rua Visconde de Itaúna, nº 117, em frente ao Colégio Pedro II, onde fundou uma casa comercial para vender quitutes baianos e cultivar o jogo (baralho, dominó, etc.). O Samba, designado como gênero musical urbano, estava nascendo na casa da Tia Ciata, pode até mesmo se dizer, junto com os doces que ela fabricava. E isso ocorria através das frequentes reuniões em que grandes músicos da época, inspirados naquele ritmo trazido por Tia Ciata, juntamente com todos os outros baianos, compunham suas músicas. Entre esses músicos estariam importantes compositores de Samba do início do século XX como: José Barbosa da Silva (Sinhô, considerado o rei do Samba), Ernesto Joaquim Maria dos Santos (Donga), Alfredo da Rocha Viana (Pixinguinha), João Machado Guedes (João da Baiana), Jovino Hilário Ferreira, Otávio Viana (China, irmão de Pixinguinha), Heitor dos Prazeres e muitos outros. Foi a partir dessas reuniões, onde a música era misturada com jogos e diversões, que o Samba se afirmou como gênero urbano até hoje manifestado.

Sabe-se que, a partir de 1870, pelo cruzamento ou influência recíproca e sucessiva do lundu, da polca, da habanera, do tango e do maxixe (este reprimido e excomungado pelos padrões burgueses da *belle époque* brasileira), começaram a aparecer músicas que tendiam ritmicamente para o Samba.³ (CÁURIO, 1988, p. 126).

³ Exemplos podem ser encontrados em *Moqueca Sinhá*, espécie de lundu de 1870, *As Laranjeiras da Sabina* (1888), *A Morte do Marechal* (1893), *Não Deixa Tirar* (1902) e *Vem Cá Mulata* (1906).

◆ Ensaios

“Pelo Telefone” é considerado oficialmente o primeiro Samba urbano gravado no Brasil e



isso se deu em 1917. Ele foi registrado em 1897 por Ernesto Joaquim Maria dos Santos (Donga) na Biblioteca Nacional sob o número 3295, gravado em disco Odeon 121313 pela Banda Odeon e, mais uma vez, ainda em disco Odeon 121322, cantado por Bahiano.

Pixinguinha, Sinhô e Donga formavam o mais renomado trio de compositores de Samba de sua época. Porém, em anos seguidos, outros grandes compositores e intérpretes do Samba podem ser aqui enumerados. Figuram dentre eles: Ismael Silva, Paulo da Portela, Nilton Bastos, Bide, Marçal, Mano Elói, Mano Rubens, Noel Rosa, Ari Barroso, Dorival Caymmi, Cartola, Francisco Alves, Carlos Galhardo, Gilberto Alves, Ataulfo Alves, Alberto Ribeiro, Paulo Barbosa, Nelson Cavaquinho, Wilson Batista, Geraldo Pereira, Clementina de Jesus, Elza Soares, Paulinho da Viola, dentre muitos outros.

O Samba, assim como muitos outros gêneros e formas da Música Brasileira, guarda em si uma profunda riqueza de elementos culturais, e são esses elementos que formam o grande lastro desta cultura; entender e dar continuidade a esse processo é, sem sombra de dúvidas, o grande desafio para os estudiosos dessa música.

Através deste estudo, foi possível evidenciar diversos aspectos constitutivos do Samba e também concluir o quanto ele e muitos outros estilos musicais brasileiros necessitam de exames aprofundados que elucidem as controvérsias já

existentes e esclareçam, cada vez mais, esse que é um dos maiores fenômenos da Música Brasileira.

Referências:

- AANDRADE, Mário. *Pequena história da música*. 8. Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1980.
- _____. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962.
- _____. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.
- _____. *Samba*. In: *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte : Editora Itatiaia Limitada, 1989. p. 453-459.
- ALVARENGA, Oneyda. *Samba*. São Paulo: Editora Lútero-Musical Tupi Ltda, 1º volume, 1946, p. 399.
- BÉHAGUE, Gerard. *Samba*. In: *The new grove dictionary of music and musicians*. London : Editor Stanley Sadie, 1980, v. 16, p. 447-448.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Samba*. In: *Dicionário do folclore brasileiro*. 2 Ed. Rio de Janeiro : Instituto Nacional do Livro, 1962. p. 675-677.
- CÁURIO, Rita. *Brasil musical : musical Brazil*. Rio de Janeiro: Art Bureau, 1988.
- Enciclopédia Barsa. *Samba*. Rio de Janeiro, 1965. v. 12, p. 277-278.
- EFEGÊ, Jota. *Figuras e coisas da música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Edição Funarte, vol. 2, 1980.
- FRANÇA, Eurico Nogueira. Congresso do Samba. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 52-54, abril/junho de 1963.
- GUIMARÃES, Francisco. *Na roda do Samba*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Edição FUNARTE, 1978.
- LAMAS, Dulce Martins. O Samba de escola: carnaval. *Revista Brasileira de Música*. Rio de Janeiro, v. XI, p. 31-50, 1981.
- LISBOA JUNIOR, Luiz Américo. *Resumo da história da música popular brasileira: de 1870 aos nossos dias*.
- MARCONDES, Marcos Antônio. *Samba*. In: *Enciclopédia da música brasileira: erudita folclórica popular*. São Paulo: Art Editora, vol. o-z, 1977, p. 683-686.
- PASSOS, Claribalte. *Música popular brasileira*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1968.
- PAZ, Ermelinda A. O Samba clássico. *Revista da Academia Nacional de Música*, v. IV, p. 39-43, 1993.
- SILVA, Egídio de Castro e. O Samba carioca. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. VI, p. 45-58, 1939.
- TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos: origens*. São Paulo: Art Editora, 1988.
- TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: um tema em debate*. 3. Ed. São Paulo: Editora 34, 1997.
- VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira na Belle Époque*. Rio de Janeiro : Livraria Santana, 1977.